

Entre cuidado e ameaça: a figura da avó no cinema de horror contemporâneo

Between care and threat: the figure of the grandmother in contemporary horror cinema

Giovana Vernilo Mendes¹ 

Rogério Ferraraz¹ 

RESUMO: *Este artigo investiga as representações da avosidade no cinema de horror contemporâneo, com foco nas tensões culturais associadas ao envelhecimento feminino. Partindo de debates sobre gênero, envelhecimento e representações do corpo na cultura midiática, discute-se como a figura da mulher idosa pode ser mobilizada pelo horror como elemento de inquietação narrativa. O estudo situa o filme A Avó (La Abuela, Paco Plaza, Espanha, 2021) dentro de um contexto mais amplo de produções recentes que exploram personagens idosas como elementos centrais na produção do medo. Metodologicamente, realiza-se uma análise fílmica da obra, compreendendo-a como estudo de caso de um fenômeno contemporâneo nas representações da velhice no horror. A análise evidencia como a relação entre as personagens da avó e da neta no filme é deslocada do campo do cuidado para o da ameaça, revelando tensões culturais relacionadas ao envelhecimento feminino, à supervalorização da juventude e às expectativas sociais atribuídas às mulheres nas estruturas familiares.*

Palavras-chave: *cinema contemporâneo; horror; envelhecimento feminino; avosidade; velhice.*

¹Universidade Anhembi Morumbi – São Paulo (SP), Brasil.

Editores: Gisela G. S. Castro , Maria Collier de Mendonça  e Milena C. B. F. de Oliveira-Cruz 

ABSTRACT: *This article investigates representations of grandmotherhood in contemporary horror cinema, with particular attention to the cultural tensions associated with women's aging. Drawing on debates about gender, aging, and representations of the body in media culture, the article examines how horror cinema mobilizes older women as sources of narrative unease. The study situates the film The Grandmother (La Abuela, Paco Plaza, Spain, 2021) within a broader group of recent horror films in which older characters become central to the production of fear. Methodologically, the article undertakes a film analysis of The Grandmother, treating it as a case study of contemporary representations of women's aging in horror cinema. The analysis shows how the grandmother-granddaughter relationship shifts from care to threat, revealing cultural tensions surrounding the overvaluation of youth and the expectations placed on women within family structures.*

Keywords: *contemporary cinema; horror; female aging; grandmotherhood; old age.*

Introdução

As representações da maternidade, da avosidade e das relações familiares ocupam um lugar central na cultura midiática contemporânea. No imaginário social, as figuras da mãe e da avó costumam ser associadas a valores como cuidado, proteção e transmissão de afetos entre gerações. Em diversas narrativas culturais, a avó aparece como uma extensão simbólica da maternidade, desempenhando um papel de continuidade familiar e oferecendo suporte emocional às gerações mais jovens. Essa construção cultural frequentemente associa a avosidade à sabedoria, à experiência e à estabilidade dentro do espaço doméstico.

No campo dos estudos de comunicação no Brasil, pesquisas recentes também têm se dedicado a analisar como a maternidade, o envelhecimento e as relações familiares são representados nas mídias contemporâneas. Castro (2018) observa que as representações midiáticas da maternidade e da família participam ativamente da construção de valores simbólicos associados ao cuidado, ao corpo e às identidades femininas. Essas representações não apenas refletem expectativas sociais, mas também contribuem para produzir modelos culturais sobre o que significa ser mulher em diferentes momentos da vida. Nesse sentido, a figura da avó pode ser compreendida como extensão simbólica dessas construções culturais, pois frequentemente aparece associada à continuidade dos vínculos familiares e à transmissão de afetos entre gerações. Quando narrativas audiovisuais deslocam essa figura do campo do cuidado para o da ameaça, como ocorre em determinadas produções do cinema de horror contemporâneo, evidencia-se a tensão entre os imaginários culturais da avosidade e as ansiedades sociais relacionadas ao envelhecimento feminino.

Entretanto, as representações midiáticas dessas figuras não são estáticas e podem revelar tensões sociais relacionadas ao gênero, ao corpo e ao envelhecimento. Como observam diversos estudos sobre envelhecimento e cultura, a velhice feminina ocupa uma posição ambígua no imaginário social. Por um lado, mulheres idosas podem ser associadas à experiência e ao cuidado familiar; por outro, o envelhecimento feminino também é frequentemente

marcado por processos de invisibilização social e pela perda de valor simbólico em sociedades que privilegiam a juventude (SONTAG, 1972; WOODWARD, 1991). Nesse contexto, a velhice feminina pode tornar-se um espaço de conflito entre expectativas sociais e experiências corporais.

O cinema de horror constitui um campo particularmente fértil para a exploração dessas tensões. Como observa Cherry (2009), o gênero frequentemente mobiliza ansiedades culturais relacionadas ao corpo, à morte e à deterioração física, explorando aquilo que as sociedades tendem a reprimir ou marginalizar. Nesse sentido, o envelhecimento pode tornar-se um elemento central na produção do horror, uma vez que expõe a fragilidade do corpo e a inevitabilidade da passagem do tempo.

Nas últimas décadas, observa-se um conjunto significativo de filmes de horror que exploram personagens idosos como fontes de inquietação e temor. Obras como *A Possessão de Deborah Logan* (*The Taking of Deborah Logan*, Adam Robitel, EUA, 2014), *Relíquia Macabra* (*Relic*, Natalie Erika James, Austrália, 2020) e *X - a marca da morte* (*X*, Ti West, EUA, 2022), por exemplo, apresentam personagens femininas idosas cujos corpos e comportamentos tornam-se centrais na produção do medo. Esses filmes frequentemente articulam temas como deterioração física, perda de memória e ressentimento geracional, transformando a velhice em um elemento inquietante dentro da narrativa.

Dentro desse contexto, a figura da avó assume um papel particularmente ambíguo. Culturalmente associada ao cuidado e à proteção, como vimos, a avosidade tende a ser representada como uma extensão das responsabilidades maternas dentro da família. No entanto, quando narrativas de horror subvertem essa expectativa e apresentam a avó como uma figura ameaçadora, produz-se um efeito de inquietação que emerge justamente da ruptura com esse imaginário cultural. Como argumenta Renner (2019), mulheres idosas no horror frequentemente aparecem como figuras transgressoras que desafiam normas sociais associadas à docilidade e à passividade feminina.

Essa inversão simbólica também pode ser analisada a partir do conceito de abjeção desenvolvido por Kristeva (1982). Para a autora, o

abjeto emerge quando fronteiras simbólicas que organizam a experiência social são perturbadas. No caso das representações da velhice feminina no horror, o corpo envelhecido pode tornar-se um espaço privilegiado dessa experiência, pois evidencia processos corporais que desafiam ideais culturais hegemônicos de controle, pureza e juventude.

A presença de avós como figuras inquietantes em narrativas contemporâneas de horror pode ser observada em diferentes obras recentes, tais como *A Visita* (*The Visit*, M. Night Shyamalan, EUA, 2015), *Hereditário* (*Hereditary*, Ari Aster, EUA, 2018) e o já citado *Relíquia Macabra* (2020). Entre elas, destaca-se o filme *A Avó* (*La Abuela*, Paco Plaza, Espanha, 2021), cuja narrativa explora as tensões entre envelhecimento, juventude e transmissão geracional. No filme, a relação entre uma jovem modelo e sua avó revela conflitos profundos relacionados ao envelhecimento feminino e ao desejo de escapar da deterioração do corpo.

Assim, partindo desse contexto, este artigo busca analisar de que maneira o cinema de horror contemporâneo mobiliza a figura da avó como efeito de estranhamento. Para tanto, metodologicamente, a análise concentra-se em *A Avó*, compreendendo essa obra como um estudo de caso dentro de um fenômeno mais amplo de representações da velhice feminina e da avosidade no horror contemporâneo. A escolha de um único filme não implica tratá-lo como caso isolado, mas como recorte analítico de um conjunto mais amplo de produções (como as mencionadas acima) que, nas últimas décadas, têm situado mulheres idosas e relações intergeracionais no centro da experiência do horror.

Como veremos, *A Avó* destaca-se por articular de forma particularmente explícita a avosidade como eixo narrativo, colocando em primeiro plano a relação entre cuidado, herança e apropriação corporal. Soma-se a isso o fato de que, apesar da sua relevância temática e estética, o filme ainda conta com reduzida fortuna crítica acadêmica, especialmente em língua portuguesa.

Este estudo adota a análise fílmica como procedimento interpretativo. Neste primeiro movimento de aproximação ao objeto, privilegia-se uma abordagem voltada às dimensões temáticas, partindo de uma etapa descritiva do enredo e das relações entre personagens. À medida que a

análise exige um maior detalhamento, são incorporadas observações sobre procedimentos estilísticos e narrativos específicos, incluindo enquadramento, fotografia, *mise-en-scène* e desenho sonoro. Essa estratégia permite articular aspectos formais e temáticos, compreendendo o filme como construção audiovisual e como manifestação de imaginários culturais sobre envelhecimento, gênero e avosidade.

Velhice feminina e horror

A presença da velhice feminina no cinema de horror contemporâneo não pode ser compreendida como ocorrência esporádica ou mero recurso de caracterização. Trata-se de uma figura recorrente por meio da qual o gênero formula tensões ligadas ao corpo, ao envelhecimento, à perda de valor social e às expectativas historicamente associadas às mulheres. Em sociedades que privilegiam a juventude, a beleza, a autonomia e a produtividade, o corpo envelhecido feminino tende a ser percebido como sinal de declínio, inadequação e excesso. Quando esse corpo passa a ocupar o centro de narrativas de horror, ele condensa ansiedades culturais mais amplas em torno da deterioração física, da mortalidade e da instabilidade das identidades de gênero.

Sontag (1972) discute a existência de um “duplo padrão do envelhecimento”, no qual homens e mulheres são avaliados de maneira distinta à medida que envelhecem. Segundo a autora, enquanto o envelhecimento masculino pode, em determinados contextos culturais, ser associado à experiência, maturidade ou autoridade, o envelhecimento feminino tende a ser interpretado como perda de valor social, especialmente em sociedades que vinculam a feminilidade à juventude, à beleza e à atratividade física. Essa assimetria contribui para compreender por que o corpo envelhecido da mulher frequentemente se torna objeto de desconforto cultural e visual. No cinema de horror, essa lógica pode ser intensificada, já que a mulher idosa aparece com frequência como uma presença que evidencia a materialidade do corpo, a deterioração física e a proximidade da morte, elementos que desafiam ideais culturais de controle, juventude e permanência.

Cherry (2009) observa que o gênero de horror costuma trabalhar com ansiedades culturais relacionadas ao corpo, à morte e à vulnerabilidade física. O envelhecimento pode, assim, aparecer como um dos elementos por meio dos quais o horror torna visíveis medos coletivos ligados à deterioração corporal e à perda de controle sobre o próprio corpo.

Creed (1993), ao discutir o conceito de “monstruoso-feminino”, argumenta que muitas figuras femininas no cinema de horror são construídas como ameaças quando desafiam expectativas culturais associadas à feminilidade normativa. Em sua análise, a autora demonstra que diversas representações monstruosas estão vinculadas a experiências corporais especificamente associadas às mulheres, como a maternidade, a sexualidade e a capacidade reprodutiva. Esses elementos tornam-se fontes de inquietação justamente porque expõem aquilo que a cultura tende a regular ou controlar no corpo feminino. Embora o foco principal de sua discussão recaia sobre figuras como a mãe monstruosa, a bruxa ou a mulher possuída, o conceito permite ampliar a reflexão para outras formas de desvio em relação às normas de feminilidade.

Nesse sentido, o corpo feminino que escapa aos padrões culturais de juventude, beleza e atratividade também pode tornar-se um espaço privilegiado para a construção do monstruoso. A velhice feminina ocupa uma posição particularmente ambígua nesse contexto, pois representa um corpo que já não corresponde às expectativas sociais associadas à feminilidade. Em sociedades que frequentemente vinculam o valor social das mulheres à juventude e à aparência física, o envelhecimento pode ser percebido como ruptura com esses ideais culturais. O horror, ao explorar essas rupturas, transforma o corpo envelhecido em um ponto de tensão narrativa.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando se observa que muitas figuras femininas monstruosas no horror são caracterizadas justamente por corpos que desafiam normas de controle, pureza e estabilidade. Como sugere Creed (1993), o monstruoso-feminino frequentemente emerge quando aquilo que deveria permanecer oculto ou controlado torna-se visível. No caso da velhice feminina, o corpo envelhecido pode expor transformações físicas que entram em conflito com ideais culturais

de permanência, vitalidade e beleza. O horror, ao enfatizar essas transformações, amplifica o desconforto cultural associado à passagem do tempo.

A figura da mulher idosa, nesse contexto, pode ser construída como presença ambivalente. Por um lado, ela pode aparecer como personagem frágil ou dependente, associada à deterioração física e à vulnerabilidade. Por outro, essa mesma figura pode adquirir uma dimensão ameaçadora quando sua presença desafia expectativas sociais de docilidade e invisibilidade. Essa ambivalência ajuda a compreender por que personagens femininas idosas frequentemente ocupam posições instáveis nas narrativas de horror, oscilando entre fragilidade e ameaça.

Quando essa dinâmica se articula com papéis familiares tradicionalmente associados ao cuidado, como o da avó, o efeito de estranhamento torna-se ainda mais intenso. A avó é culturalmente vinculada a valores de proteção, afeto e continuidade familiar. Ao transformar essa figura em fonte de inquietação, o horror produz uma ruptura simbólica que desestabiliza expectativas culturais profundamente enraizadas. Nesse sentido, a presença da mulher idosa como figura monstruosa não diz respeito apenas à idade, mas ao modo como seu corpo e sua posição social entram em conflito com modelos normativos de feminilidade e de cuidado intergeracional.

Renner (2019) destaca que mulheres idosas aparecem com frequência em filmes de horror como personagens que concentram diferentes ansiedades culturais relacionadas ao envelhecimento. Essas personagens podem ser representadas como figuras imprevisíveis, ameaçadoras ou grotescas, frequentemente associadas à deterioração física ou à perda de controle sobre o corpo. Mais do que simples antagonistas narrativas, essas figuras revelam tensões sociais mais amplas relacionadas à maneira como as sociedades contemporâneas lidam com o envelhecimento feminino.

Essa reflexão torna-se ainda mais complexa quando a figura da mulher idosa é associada a papéis familiares ligados ao cuidado. Arnold (2013) observa que o horror frequentemente subverte estruturas familiares tradicionalmente associadas à segurança, como a maternidade e o espaço doméstico. Ao transformar figuras cuidadoras em fontes de ameaça, o gênero desloca expectativas culturais profundamente enraizadas. No caso

da avó, esse deslocamento pode produzir um efeito particularmente perturbador, pois a avosidade é frequentemente representada culturalmente como uma extensão simbólica da maternidade e do cuidado familiar.

A figura da avó ocupa uma posição simbólica importante dentro das representações culturais da família. Como discutido na pesquisa que fundamenta este artigo, a avó costuma ser associada à sabedoria, à proteção e à continuidade das relações familiares. Quando narrativas de horror subvertem essa expectativa e apresentam a avó como uma presença ameaçadora, ocorre uma ruptura simbólica que afeta diretamente a ideia do espaço doméstico como lugar de segurança.

Woodward (1991) argumenta que o envelhecimento, particularmente no caso das mulheres, é frequentemente associado a processos culturais de invisibilização e marginalização. O corpo envelhecido tende a ser representado como sinal de perda de valor social e de afastamento das normas culturais de beleza e produtividade. Quando o horror mobiliza essas imagens, o envelhecimento pode tornar-se um elemento narrativo capaz de expressar ansiedades mais amplas relacionadas à passagem do tempo e à inevitabilidade da morte.

No cinema de horror contemporâneo, essas tensões aparecem em diferentes formas de representação. Em alguns filmes, personagens idosas são construídas como presenças ambíguas, que oscilam entre fragilidade e ameaça. Em outros casos, a velhice é associada a práticas sobrenaturais ou a formas de poder que desafiam a ordem social. Em ambos os casos, a figura da mulher idosa pode funcionar como ponto de condensação de medos culturais relacionados ao corpo, ao envelhecimento e às transformações das relações familiares.

Alexander (2020) sugere que o monstruoso-feminino pode ser compreendido como manifestação de ansiedades culturais ligadas ao poder desviante das mulheres. Quando aplicado à velhice feminina, esse conceito ajuda a compreender por que personagens idosas podem ser representadas como figuras ambivalentes, simultaneamente frágeis e ameaçadoras. A mulher idosa pode aparecer como alguém socialmente marginalizada, mas também como uma presença que desafia normas culturais ao recusar a invisibilidade que frequentemente lhe é imposta.

Batch e Ryan (2024) observam que o horror contemporâneo frequentemente articula um movimento ambivalente em relação à velhice. Por um lado, alguns filmes evidenciam formas de abandono, negligência ou medicalização que afetam pessoas idosas nas sociedades contemporâneas. Por outro, essas mesmas narrativas podem reforçar representações que associam o envelhecimento à deterioração, à ameaça ou à perda de humanidade. Essa ambiguidade torna o horror um espaço particularmente interessante para analisar as tensões culturais relacionadas ao envelhecimento.

Dessa forma, a velhice feminina no horror não deve ser compreendida apenas como elemento de caracterização narrativa, mas como um ponto de encontro entre diferentes ansiedades culturais relacionadas ao corpo, ao tempo e às transformações das estruturas familiares. Ao transformar mulheres idosas em figuras de estranhamento ou ameaça, o cinema de horror torna visíveis conflitos simbólicos ligados à forma como as sociedades contemporâneas lidam com o envelhecimento e com o lugar das mulheres na velhice.

É nesse contexto que a figura da avó em *A Avó* pode ser analisada como um estudo de caso particularmente produtivo. O filme mobiliza a relação entre envelhecimento, cuidado familiar e horror para explorar tensões culturais relacionadas à velhice feminina, à dependência e à transmissão intergeracional. Ao subverter a imagem cultural da avó como figura protetora, a narrativa evidencia como o horror pode transformar relações familiares em espaços de inquietação e conflito simbólico.

No contexto brasileiro, pesquisas recentes também têm se dedicado a compreender as transformações nas representações da maternidade, da família e das relações intergeracionais nas mídias. Ao discutirem as construções culturais da maternidade na mídia, Mendonça e Cesarotto (2018) observam que essas representações frequentemente articulam expectativas sociais de cuidado, afeto e responsabilidade atribuídas às mulheres. Nesse sentido, figuras femininas associadas à família — como mães e avós — tendem a ser representadas como responsáveis pela manutenção de vínculos afetivos e pela transmissão de valores entre gerações.

Ao deslocar a figura da avó do campo do cuidado para o campo da ameaça, o cinema de horror tensiona essas expectativas culturais,

revelando como as representações da avosidade podem ser reconfiguradas em diferentes contextos midiáticos.

A avó monstruosa: avosidade e conflito geracional em *A Avó* (La Abuela, Paco Plaza, 2021)

Dirigido por Paco Plaza, *A Avó* constrói sua narrativa a partir de uma relação familiar específica: o vínculo entre avó e neta. Ao mobilizar essa relação como eixo central da narrativa de horror, o filme desloca uma figura tradicionalmente associada ao cuidado e à proteção para o campo da ameaça e da violência simbólica. Nesse sentido, a obra torna-se particularmente relevante para discutir as representações da avosidade no cinema contemporâneo.

Na narrativa, Susana é uma jovem modelo que vive em Paris e que retorna a Madri após sua avó Pilar sofrer um derrame, ficando em estado de grande dependência física. Sem outros familiares disponíveis para assumir a responsabilidade pelo cuidado, Susana passa a ocupar o papel de cuidadora da avó. Essa configuração inicial da narrativa dialoga diretamente com expectativas sociais relacionadas ao cuidado intergeracional, nas quais mulheres jovens são frequentemente posicionadas como responsáveis pelo acompanhamento e assistência de familiares idosos.

A relação entre Susana e Pilar é construída inicialmente a partir de um vínculo afetivo anterior. O filme sugere que a avó teve um papel importante na infância da neta, funcionando como figura de cuidado e proximidade emocional. Esse elemento reforça o imaginário cultural da avó como extensão da figura materna, associada à proteção, à transmissão de valores e à continuidade da estrutura familiar. Arnold (2013) observa que representações midiáticas da maternidade e de papéis femininos ligados ao cuidado frequentemente reforçam a ideia de que mulheres devem ocupar posições de responsabilidade emocional dentro da família. A figura da avó, nesse contexto, tende a ser compreendida como continuidade desse papel.

É justamente essa expectativa cultural que o filme passa a tensionar ao longo da narrativa. À medida que Susana assume o papel de cuidadora, a relação entre avó e neta deixa de ser apresentada apenas como vínculo

afetivo e passa a revelar uma dinâmica marcada por ambivalência e inquietação. A dependência física de Pilar, inicialmente percebida como condição que exige cuidado e compaixão, gradualmente se transforma em elemento de instabilidade dentro da relação familiar. A intimidade e a tensão intergeracional que estruturam esse vínculo são visualmente sintetizadas na Figura 1.

Figura 1 – Pilar e Susana em cena de intimidade e tensão intergeracional.



Fonte: *A Avó (La Abuela)*, Paco Plaza, Espanha, 2021).

A construção do horror em *A Avó* não depende apenas do desenvolvimento narrativo, mas também de escolhas que intensificam a percepção de ameaça. Paco Plaza recorre a enquadramentos fechados, discretos movimentos de câmera e uma fotografia marcada por tons frios e baixa luminosidade, enfatizando a atmosfera de clausura do apartamento. A *mise-en-scène* destaca a proximidade física entre avó e neta, frequentemente posicionadas no mesmo quadro de maneira desconfortável, sugerindo visualmente a dissolução progressiva das fronteiras entre as duas personagens.

O desenho de som também desempenha papel importante na produção da inquietação. O silêncio predominante é interrompido por ruídos discretos, como respiração, passos e outros pequenos sons corporais, que intensificam a presença física de Pilar e deslocam a atenção do espectador para a materialidade do corpo envelhecido.

Embora filmes como *A Possessão de Deborah Logan* e *Relíquia Macabra* também explorem o envelhecimento feminino como fonte de horror,

A Avó distingue-se por colocar a relação entre avó e neta no centro da narrativa. Enquanto em *Deborah Logan* o foco recai sobre a doença neurodegenerativa e em *Relíquia Macabra* sobre a deterioração da memória e do espaço doméstico, o filme de Paco Plaza articula de maneira mais explícita a avosidade como vínculo ambivalente.

Essa ambivalência dialoga com a análise de Woodward (1991) sobre as formas como o envelhecimento feminino é frequentemente associado à perda de autonomia e à crescente dependência em relação a outras pessoas. No filme, a condição física debilitada da avó coloca Susana em uma posição de responsabilidade constante, evidenciando a dimensão emocional e material do cuidado intergeracional. Ao mesmo tempo, a narrativa sugere que essa dependência também produz tensões dentro da relação entre as duas personagens.

Gradualmente, o comportamento de Pilar passa a gerar inquietação em Susana. Pequenos gestos, olhares e situações aparentemente inexplicáveis sugerem que a avó exerce uma forma de controle sobre a neta que ultrapassa os limites de uma relação tradicional de cuidado. Esse deslocamento é fundamental para compreender o funcionamento do horror na narrativa: o medo emerge não apenas da presença da velhice, mas da transformação da relação de avosidade em uma relação marcada por ameaça.

Nesse sentido, a personagem de Pilar pode ser interpretada à luz do conceito de “monstruoso-feminino” proposto por Creed (1993). A autora argumenta que o horror frequentemente constrói figuras femininas como ameaçadoras quando elas desafiam expectativas culturais associadas ao comportamento feminino. No caso de *A Avó*, essa transgressão ocorre no interior de uma relação familiar que deveria ser estruturada pelo cuidado. A avó deixa de ocupar o lugar simbólico da proteção e passa a assumir uma posição predatória.

A revelação central do filme — de que Pilar pretende transferir sua consciência para o corpo da neta — intensifica essa inversão simbólica. A relação entre avó e neta deixa de ser uma relação de transmissão geracional no sentido tradicional e passa a ser apresentada como forma de apropriação corporal. Em vez de transmitir experiências, valores ou memórias, a avó busca literalmente ocupar o corpo da geração seguinte.

Essa dinâmica pode ser interpretada como metáfora para tensões culturais relacionadas ao envelhecimento feminino em sociedades que valorizam a juventude e a produtividade. Sontag (1972) observa que o envelhecimento das mulheres é frequentemente associado à perda de valor social em contextos culturais que privilegiam a juventude e a aparência. Nesse sentido, o desejo de Pilar de ocupar o corpo jovem da neta pode ser interpretado como reação extrema à marginalização social associada à velhice. A Figura 2 reforça essa tensão ao enquadrar Pilar por meio do espelho, associando visualmente envelhecimento, juventude e conflito entre avó e neta.

Figura 2 – Pilar refletida no espelho, sugerindo a tensão entre juventude e envelhecimento na relação entre avó e neta.



Fonte: *A Avó* (*La Abuela*, Paco Plaza, Espanha, 2021).

Renner (2019) destaca que personagens idosas no horror frequentemente expressam ansiedades culturais relacionadas ao envelhecimento e à deterioração física. Em *A Avó*, essa ansiedade é articulada por meio da relação intergeracional entre Pilar e Susana. O corpo jovem da neta torna-se objeto de desejo não apenas como símbolo de vitalidade, mas como possibilidade de escapar da decadência física e da proximidade da morte.

Essa apropriação simbólica do corpo jovem também pode ser relacionada ao conceito de abjeção formulado por Kristeva (1982). O corpo envelhecido da avó aparece como corpo que desafia limites entre vida e morte, autonomia e dependência. Ao tentar ocupar o corpo da neta,

Pilar busca ultrapassar essas fronteiras, transformando a relação familiar em um espaço de transgressão simbólica.

A relação entre avó e neta torna-se, assim, o principal dispositivo narrativo por meio do qual o filme articula suas tensões. O horror não surge apenas da presença de um elemento sobrenatural, mas da transformação de um vínculo familiar em um espaço de conflito e ameaça. Ao subverter o imaginário cultural da avó protetora, *A Avó* evidencia como o cinema de horror contemporâneo pode mobilizar relações intergeracionais para explorar ansiedades culturais relacionadas ao envelhecimento, à juventude e às expectativas sociais atribuídas às mulheres.

Nesse sentido, o filme dialoga diretamente com debates contemporâneos sobre avosidade e envelhecimento. A personagem de Pilar não representa apenas uma figura monstruosa isolada, mas uma construção narrativa que expõe tensões culturais relacionadas ao lugar das mulheres idosas na sociedade. Ao transformar a relação de cuidado entre avó e neta em um espaço de disputa corporal e simbólica, *A Avó* revela como o horror pode problematizar as expectativas sociais associadas à velhice feminina e às dinâmicas familiares intergeracionais.

Considerações finais

A análise de *A Avó* permite observar como o cinema de horror contemporâneo mobiliza a figura da avó para explorar tensões culturais associadas ao envelhecimento feminino. Ao colocar a relação entre avó e neta no centro da narrativa, o filme desloca um vínculo tradicionalmente associado ao cuidado e à proteção para o campo da ameaça.

A personagem Pilar encarna a ambivalência característica de muitas representações da velhice no horror contemporâneo. Inicialmente apresentada como figura frágil e dependente, ela gradualmente se transforma em presença ameaçadora, articulando medos relacionados à deterioração física, à perda de autonomia e ao desejo de escapar da mortalidade.

A análise da linguagem cinematográfica evidencia que essa transformação é construída não apenas pelo enredo, mas também por escolhas

formais, como enquadramentos fechados, fotografia sombria, uso de espelhos e desenho sonoro minimalista. Esses elementos intensificam a sensação de clausura e sugerem visualmente a dissolução das fronteiras entre avó e neta.

Ao subverter o imaginário cultural da avó protetora, *A Avó* revela como o cinema de horror pode tensionar valores simbólicos e culturais associados à avosidade, evidenciando conflitos ligados à supervalorização da juventude e ao lugar das mulheres idosas na sociedade contemporânea.

Conflito de interesses: nada a declarar.

Fonte de financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Disponibilidade de dados da pesquisa: não informado o uso de dados, não utilizou dados de pesquisa.

Contribuições dos autores: Vernilo Mendes, G.: conceituação, pesquisa, análise formal, escrita – primeira redação, revisão e edição. Ferraraz, R.: análise formal, escrita – primeira redação, revisão e edição.

Referências

- A AVÓ. Direção: Paco Plaza. Espanha: Sony Pictures International Productions, 2021. 1 filme (100 min.).
- ALEXANDER, C. S. The horrific feminine: terrifying women. In: WETMORE JR., K. J. (org.). *The streaming of hill house: essays on the haunting Netflix adaptation*. Jefferson: McFarland, 2020. p. 166-175.
- A POSSESSÃO DE DEBORAH LOGAN. Direção: Adam Robitel. Estados Unidos: Millennium Entertainment, 2014. 1 filme (90 min.).
- ARNOLD, S. *Maternal horror film: melodrama and motherhood*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- A VISITA. Direção: M. Night Shyamalan. Estados Unidos: Universal Pictures, 2015. 1 filme (94 min.).
- BATCH, M.; RYAN, M. D. Dementia and contemporary horror movies: gendered ageing and the haunted home. *New Review of Film and Television Studies*, Bristol, v. 22, n. 3, p. 760-780, 2024. <https://doi.org/10.1080/17400309.2024.2396699>
- CASTRO, G. G. S. Lindas para sempre e jovens de coração: imagens do envelhecimento na publicidade natalina brasileira. In: CASTRO, G. G. S. *Os velhos na propaganda: atualizando o debate*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 65-90.
- CHERRY, B. *Horror*. Londres: Routledge, 2009.

- CREED, B. *The monstrous-feminine: film, feminism, psychoanalysis*. Londres: Routledge, 1993.
- HEREDITÁRIO. Direção: Ari Aster. Estados Unidos: A24, 2018. 1 filme (127 min.).
- KRISTEVA, J. *Powers of horror: an essay on abjection*. Nova York: Columbia University Press, 1982.
- MENDONÇA, M. C.; CESAROTTO, O. A maternidade na publicidade: uma análise semiótica de anúncios brasileiros. In: OLIVEIRA-CRUZ, M. F. (org.). *Publicidade e gênero: representações e práticas em questão*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 29-50.
- RELÍQUIA MACABRA. Direção: Natalie Erika James. Austrália: IFC Midnight, 2020. 1 filme (89 min.).
- RENNER, K. J. The evil aging woman of American horror. In: MILLER, C. J.; VAN RIPER, A. B. (org.). *Elder horror: essays on film's frightening images of aging*. Jefferson: McFarland, 2019. p. 89-103.
- SONTAG, S. The double standard of aging. *The Saturday Review*, Nova York, p. 29-38, 23 set. 1972.
- WOODWARD, K. *Aging and its discontents: Freud and other fictions*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.
- X. Direção: Ti West. Estados Unidos: A24, 2022. 1 filme (105 min.).

Sobre os autores

Giovana Vernilo Mendes: Doutoranda em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), onde também concluiu o mestrado em Comunicação. Graduada em Rádio, TV e Internet pela mesma instituição. E-mail: gvernilo@hotmail.com

Rogério Ferraraz: Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi pesquisador visitante na UCLA, em 2002, com bolsa de doutorado-sanduíche da CAPES. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi/SP. Desenvolve, no momento, a pesquisa O fantástico na telenovela brasileira, junto à Universidade Anhembi Morumbi/SP, com bolsa do Instituto Ânima. E-mail: rogerioferraraz@uol.com.br

Recebido: 10/03/2026

Aceito: 27/05/2026